

## A POTÊNCIA ESPIRITUAL DA MATÉRIA <sup>1</sup>

E como avançassem juntos, eis que os separaram um carro e cavalos de fogo; e, apanhado por um turbilhão, Elias viu-se de súbito arrebatado para os céus.

***Livro dos Reis, (2Reis 2:11)***

O Homem, seguido pelo seu companheiro, caminhava no deserto, quando a Coisa se abateu sobre ele.

De longe, ela aparecera-lhe, muito pequena, deslizando pela areia, não maior do que a pela de uma criança — uma sombra doirada e fugidia, parecida com um voo hesitante de codornizes, ao romper do dia, por cima do mar azul, ou com uma nuvem de mosquitos dançando ao sol da tarde, ou com um torvelinho de poeira que corresse ao meio-dia planície fora.

A Coisa parecia não estar interessada nos dois viajantes. Rolava caprichosamente na sua solidão. Mas de súbito, definindo o seu percurso, correu sobre eles, como uma flecha.

... E então, o Homem viu que o pequeno vapor doirado era apenas o centro de uma Realidade infinitamente maior, que avançava incircunscrita, sem formas e sem limites. Tão longe quanto pôde ver, a Coisa, à medida que se aproximava, desenvolvia-se com uma rapidez prodigiosa, invadindo todo o espaço. Enquanto os pés roçavam a erva espinhosa da torrente, a sua frente subia no céu como uma bruma cor de ouro, por trás da qual o Sol ardia. E a toda a volta, o éter, tornado vivo, vibrava tangivelmente, sob a substância grosseira das rochas e das plantas — como no Verão uma paisagem treme por detrás de um Sol demasiado incendiado.

O que assim chegava era o *coração móvel de uma imensa subtileza*.

O Homem caiu de rosto por terra, tapou o rosto com as mãos e esperou. Fez-se um grande silêncio à sua volta.

E depois, bruscamente, um sopro ardente passou-lhe pela frente, forçou a barreira das suas pálpebras fechadas, e penetrou-o até à alma.

O Homem teve a impressão de que deixava de ser unicamente ele próprio. Uma embriaguez irresistível apossou-se dele como se toda a seiva de toda a vida, afluindo de uma vez só ao seu coração demasiado estreito, poderosamente recriasse as fibras enfraquecidas do seu ser.

E, ao mesmo tempo, a angústia de um perigo sobre-humano oprimiu-o — o sentimento confuso de que a Força que se abatera sobre ele era ambígua e turva, essência combinada de todo o Mal e de todo o Bem.

O furacão estava dentro dele.

Ora, no mais fundo do ser que invadira, a Tempestade de vida, infinitamente doce e brutal, murmurava no único ponto secreto da alma que não abalara inteiramente:

---

<sup>1</sup> Texto extraído do livro “Hino do Universo”, editado pela Editorial Notícias, Lisboa, redigido por Teilhard de Chardin em Jersey, a 8 de agosto de 1919 e fazendo parte do Tomo XII (*Écrits du Temps de la Guerre*) das Obras Completas (Seuil, Paris).

— Chamaste-me; aqui estou. Expulso pelo Espírito dos caminhos seguidos pela caravana humana, atreveste-te a enfrentar a solidão virgem. Cansado das abstracções, das atenuações, do verbalismo da vida social, quiseste medir-te com a Realidade inteira e selvagem.

«Necessitavas de mim para crescer; e eu esperava-te, a ti, para que tu me santificasses.

«Desejavas-me desde sempre sem o saberes; e eu atraía-te.

«Agora estou em cima de ti para a vida ou para a morte. É-te impossível recuar; regressar às satisfações comuns e à adoração tranquila. Aquele que me viu uma vez não pode esquecer-me nunca: condena-se comigo ou salva-me consigo.

«Vens?

— Oh divina e poderosa, que nome é o teu? Fala.

— Sou o fogo que queima e a água que se derrama, o amor que inicia e a verdade que passa. Tudo o que se impõe e o que renova, tudo o que solta e tudo o que une: Força, Experiência, Progresso — a Matéria sou eu.

«Porque, na minha violência, acontece-me matar os meus amantes, porque aquele que me toca nunca sabe que força vai desencadear, os sábios temem-me e amaldiçoam-me. Desprezam--me em palavras, como a uma mendiga, uma feiticeira ou uma prostituta. Mas as palavras deles estão em contradição com a vida, e os fariseus que me condenam perecem no espírito a que se confinam. Morrem de inanição, e os seus discípulos abandonam--nos, porque eu sou a essência de tudo o que se toca, e os homens não podem passar sem mim.

«Tu que compreendeste que o Mundo — o Mundo amado por Deus — tem, mais ainda do que os indivíduos, uma alma a resgatar<sup>2</sup>, abre largamente o teu ser à minha inspiração; recebe o Espírito da Terra por salvar.

«A palavra suprema do enigma, a fala deslumbrante inscrita na minha frente e que doravante te queimará os olhos, ainda que os feches, ei-la: *"Nada é precioso que não sejas tu nos outros, e os outros em ti. Em cima, tudo é só um! Em cima, tudo é só um!"*

«Vamos, não sentes o meu sopro que te desenraíza e arrebatava?... De pé, Homem de Deus, e apressa-te. Conforme nos entregamos, o turbilhão arrastar-nos-á para as profundezas tenebrosas ou erguer-nos-á ao azul dos céus. A tua salvação e a minha dependem deste primeiro instante.

— Ó Matéria, bem vês, o meu coração treme. Uma vez que és tu, diz-me, que queres que eu faça?

— Arma o teu braço, Israel, e luta comigo audazmente!

O Sopro, insinuando-se como um filtro, vovera-se provocador e hostil.

Trazia agora nas suas pregas um cheiro acre a batalha...

Odor feroz das florestas, febril atmosfera das cidades, perfume inebriante e sinistro que sobe dos povos em guerra.

Tudo isto rolava nas suas dobras, fumo recolhido pelos quatro cantos da terra.

O Homem, ainda prostrado, teve um sobressalto, como se tivesse sentido esporas. De um salto, pôs-se de novo de pé, frente à tempestade.

---

<sup>2</sup> A alma do «Pleuroma», cf. p. 403 do tomo V de *Oeuvres: L'Avenir de l'Homme* (N. D. E.).

Acabava de estremecer a alma inteira da sua raça, recordação obscura do primeiro despertar entre os animais mais fortes e mais bem armados, eco doloroso dos longos esforços para a domesticação do trigo e o domínio do fogo, medo e rancor perante a Força malfazeja, cupidez de saber e de reter...

Havia um instante, na doçura do primeiro contacto, desejara instintivamente perder-se no hálito quente que o envolvia.

E eis que a onda de beatitude quase dissolvente se transformara em áspera vontade de mais ser.

O Homem farejara o inimigo e a presa hereditária.

Enraizou os seus pés no chão, e começou a lutar.

Primeiro, lutou para não ser arrebatado; e depois, lutou pela alegria de lutar, para se sentir forte. E, quanto mais lutava, mais sentia um crescendo de força sair de si para equilibrar a tempestade; e desta, em contrapartida, emanava um eflúvio novo, que, escaldante, lhe penetrava as veias.

Como o mar, em certas noites, se ilumina à volta do nadador, e tanto mais cintila nas suas dobras quanto mais os membros robustos o remexem com vigor, assim a força obscura que lutava com o homem ficava radiante de mil fogos em torno do esforço dele.

Através de um despertar mútuo das suas potências opostas, o Homem exaltava a sua força para a dominar, e ela, pelo seu lado, revelava os seus tesouros para lhos entregar.

— Mergulha na Matéria, Filho da Terra, banha-te nas suas camadas ardentes, porque é ela a fonte e a juventude da tua vida.

«Ah, acreditavas poder dispensá-la, por se ter acendido em ti o pensamento! Esperavas ficar tanto mais próximo do Espírito quanto mais cuidadosamente rejeitasses aquilo que é de tocar, mais divino se vivesses na ideia pura, mais angélico, pelo menos, se te esquivasses dos corpos.

«Pois bem, por pouco não morrias de fome!

«Necessitas de azeite para os teus membros, de sangue para as tuas veias, de água para a tua alma, de Real para a tua inteligência; necessitas deles pela própria lei da tua natureza, ouves-me bem?...

«Nunca, nunca, se quiseses viver e crescer, poderás dizer à Matéria: "Já te vi o bastante, dei a volta aos teus mistérios, colhi o bastante para alimentar para sempre o meu pensamento." Ainda que, ouve bem, como o Sábio dos Sábios trouxesses na tua memória a imagem de tudo o que povoa a Terra ou nada debaixo das águas, essa Ciência seria como nada para a tua alma, porque todo o conhecimento abstracto é ser que murchou; porque, para compreender o Mundo, não basta saber: é preciso ver, tocar, viver na presença, beber a existência na sua quentura no seio da própria Realidade.

«Por isso, nunca digas, como alguns fazem: "A Matéria está gasta, a Matéria está morta!" Até ao último momento dos Séculos, a Matéria será jovem e exuberante, cintilante e nova para quem o queira.

«E não repitas tão-pouco: "A Matéria está condenada, a Matéria é má!" Disse alguém que chegou: "Bebereis o veneno e ele não vos fará mal." E ainda: "A vida sairá da morte", e, por fim, proferindo a palavra definitiva da minha libertação: "Este é o meu Corpo."

«Não, a pureza não está na separação, mas numa penetração mais profunda do Universo. Está no amor da única Essência, incircunscrita, que penetra e trabalha todas as coisas, por dentro — mais longe que a zona mortal onde se agitam as pessoas e os números. *Está num casto contacto com o que é "o mesmo em todos"*.

«Oh, como é belo o Espírito que se levanta, adornado com as riquezas da Terra!

«Banha-te na Matéria, filho do Homem. Mergulha nela, onde ela for mais violenta e mais profunda! Luta na sua corrente e bebe na sua vaga! Foi ela que embalou outrora a tua inconsciência;/ será ela a levar-te a Deus!

O Homem, no meio do furacão, virou a cabeça procurando ver o seu companheiro.

E, nesse momento, reparou que, por trás dele, numa estranha metamorfose, a Terra fugia e crescia.

A Terra fugia, porque ali, por baixo dele, os pormenores vãos do terreno diminuía e se fundiam; ora, apesar disso, a terra crescia, porque, ao longe, o círculo do horizonte subia, subia sem parar...

O Homem viu-se no centro de uma imensa taça, cujos lábios se fechavam sobre ele.

Então, dando a febre da luta lugar no seu coração a uma irresistível paixão de *suportar*, descobriu, num relâmpago, presente em toda a parte, à sua volta, *o Único Necessário*.

Compreendeu, para sempre, que o Homem, como o átomo, não vale senão pela parte de si próprio que entra no Universo.

Viu, com uma evidência absoluta, a fragilidade vazia das mais belas teorias quando comparadas com a plenitude definitiva do mais pequeno *facto*, tomado na sua realidade concreta e total.

Contemplou, numa clareza implacável, a irrisória pretensão dos seres humanos que querem governar o Mundo, impor-lhe os seus dogmas, as suas medidas e as suas convenções.

Saboreou, até à náusea, a banalidade das suas alegrias e das suas penas, o mesquinho egoísmo das suas preocupações, a insipidez das suas paixões, o afrouxamento da sua força de sentir.

*Teve piedade dos que se amedrontam diante de um século, ou não sabem amar para lá dos limites de um país.*

Muitas coisas que outrora o haviam perturbado ou revoltado, os discursos e os juízos dos doutores, as suas afirmações e as suas prescrições, a proibição de se mover que impunham ao Universo...

... Tudo isso lhe pareceu ridículo, inexistente, por comparação com a Realidade majestosa, transbordante de Energia que se lhe revelava, universal na sua presença, imutável na sua verdade, implacável no seu desenvolvimento, inalterável na sua serenidade, maternal e segura na sua protecção.

Descobrira — finalmente! — *um ponto de apoio* e um recurso *fora* da sociedade!

Um pesado manto caiu dos seus ombros e escorregou para trás dele: o peso do que há de falso, de estreito, de tirânico, de *artificial*, de *humano* na Humanidade.

Uma vaga de triunfo libertou-lhe a alma.

E ele sentiu que nada no Mundo, doravante, poderia desprender o seu coração da Realidade superior que se lhe revelava — nada; nem os Homens no que têm de intrusivo e de individual (pois assim os desprezava); nem o Céu e a Terra na sua altura, na sua extensão, na sua profundidade, na sua força (pois era precisamente a elas que para sempre se entregava).

Uma renovação profunda acabava de se operar nele, de tal modo que já não lhe era, agora, possível ser Homem *a não ser num outro plano*.

Ainda que voltasse então a descer à Terra comum — e ainda que o fizesse para junto do companheiro fiel que permanecia prostrado, ao longe, na areia do deserto —, seria doravante *um estrangeiro*.

Sim, tinha consciência disso: mesmo para os seus irmãos em Deus, melhores do que ele, passaria doravante a falar uma língua incompreensível, ele a quem o Senhor decidira levar a seguir o caminho do Fogo. Até para os que mais amava, a sua afeição seria um peso, pois que eles o sentiriam invencivelmente em busca de *qualquer coisa para além deles*.

Porque a Matéria, sacudindo o seu véu de agitação e multiplicidade, lhe descobrira a sua gloriosa unidade, havia agora entre os outros e ele próprio um caos. Porque a Matéria desprendera para sempre o coração dele de tudo o que é local, individual, fragmentário, só ela, na sua totalidade, seria doravante para ele pai, mãe, família, raça, a sua paixão única e ardente.

E ninguém no Mundo poderia fosse o que fosse contra isto.

Afastando resolutamente os olhos do que fugia, abandonou-se, com uma fé transbordante, ao sopro que movia o Universo.

Ora, eis que no interior do turbilhão crescia uma luz que tinha a doçura e a mobilidade de um olhar... Difundia-se um calor que já não era a dura irradiação de um núcleo, mas a rica emanção de uma carne... A imensidade cega e selvagem tomava-se expressiva, pessoal. As suas massas amorfas dispunham-se segundo as linhas de um rosto inefável. Desenhava-se um Ser em toda a parte, com a atracção de uma alma, com a tangibilidade de um corpo, com a vastidão do céu, um Ser misturado com as coisas embora distinto delas, superior à substância delas, na qual se envolvia, e no entanto nelas tomando figura...

O Oriente nascia no coração do Mundo.

Deus irradiava no cimo da Matéria, cujas vagas lhe traziam o Espírito.

O Homem caiu de joelhos no carro de fogo que o arrebatava. E falou assim:

## HINO À MATÉRIA

«Bendita sejas, áspera Matéria, gleba estéril, duro rochedo, tu que só à violência cedes e nos forças ao trabalho quando queremos comer.

Bendita sejas, perigosa Matéria, mar violento, paixão indomável, tu que nos devoras se não te acorrentamos.

Bendita sejas, poderosa Matéria, Evolução irresistível, Realidade sempre nascente, tu que a todo o momento, fazendo em pedaços os nossos padrões, nos obrigas a perseguir a Verdade até cada vez mais longe.

Bendita sejas, universal Matéria, Duração sem limites, Éter sem margens, triplo abismo das estrelas, dos átomos e das gerações, tu que, excedendo e dissolvendo as nossas medidas estreitas, nos revelas as dimensões de Deus.

Bendita sejas, impenetrável Matéria, tu que, em toda a parte entre as nossas almas e o Mundo das Essências, nos deixas vencidos pelo desejo de penetrar o véu sem costura dos fenómenos.

Bendita sejas, mortal Matéria, tu que, ao te dissociares em nós um dia, nos introduzirás, pela força, no próprio coração daquilo que é.

Sem ti, Matéria, sem os teus ataques, sem os teus assaltos, viveríamos inertes, estagnados, pueris, ignorando-nos a nós próprios e a Deus. Tu que feres e que trata a ferida, tu que resistes e que cedes, tu que alteras e que constróis, tu que acorrentas e libertas, Seiva das nossas almas, Mão de Deus, Carne de Cristo, eu te bendigo, Matéria.

Eu te bendigo, Matéria, e te saúdo, não como te descrevem, reduzida ou desfigurada, as autoridades da ciência e os pregadores da virtude, um feixe, dizem eles, de forças brutais ou de apetites baixos, mas tal como me apareces hoje, *na tua totalidade e na tua verdade*.

Saúdo-te, inesgotável capacidade de ser e de Transformação onde germina e cresce a Substância eleita.

Saúdo-te, força universal de aproximação e de união, através da qual se reunifica a multidão das mónadas e na qual todas elas convergem no caminho do Espírito.

Saúdo-te, origem <sup>3</sup> harmoniosa das almas, cristal límpido de onde sai a Nova Jerusalém.

Saúdo-te, meio divino, carregado de Força Criadora, Oceano agitado pelo Espírito, Argila amassada e animada pelo Verbo incarnado.

Crendo obedecer ao teu apelo irresistível, os homens precipi-tam-se muitas vezes por amor de ti no abismo exterior das satisfações egoístas. Engana-os um reflexo, ou um eco.

Vejo-o agora.

Para te atingir, Matéria, é necessário que, partindo de um contacto universal com tudo o que aqui em baixo se move, sintamos pouco a pouco desvanecer-se entre as nossas mãos as formas particulares de tudo o que detemos, até ficarmos a braços apenas com a essência de todas as circunstâncias e de todas as uniões.

É preciso, se te quisermos ver, que te sublimemos na dor depois de te termos tomado voluptuosamente nos nossos braços.

Tu reinas, Matéria, nas alturas serenas onde os Santos imaginam evitar-te, Carne tão transparente e tão móvel que já não te distinguimos de um espírito.

---

<sup>3</sup> Numa criação de forma evolutiva, foi necessária a Matéria para que, na Terra, pudesse aparecer o Espírito — «Matéria, matriz do espírito», precisará P. Teilhard de Cardin — *matriz* e, portanto, suporte, não princípio (N. D. E.).

Transporta-me para o alto, Matéria, pelo esforço, pela separação e pela morte, transporta-me até onde seja enfim possível enlaçar castamente o Universo!»<sup>4</sup>

Lá em baixo, no deserto de novo tranquilo, alguém chorava: — Meu Pai, meu Pai! Que vento louco o terá arrastado?  
E um manto jazia no chão.

**Jersey, 8 de Agosto de 1919.**

---

<sup>4</sup> Não interpretemos mal! Quem, assim, não à margem mas consumando a mística tradicional, pôde travar, sem imprudência, este terrível combate com a Matéria, preparara-se para ele através da ascese mais rigorosa: ascese de uma infância e de uma juventude indefectivelmente fiéis ao ideal cristão; ascese, posterior, de uma resposta atenta e constante às exigências de uma vocação que o levaria, sem tréguas, pelos caminhos ascendentes da perfeição, até essa solidão sobre a qual ele escrevia: «... seria doravante um estrangeiro... passaria a falar invencivelmente uma língua incompreensível, ele a quem o Senhor decidira fazer seguir o caminho do Fogo...» — «Na origem desta invasão e deste envolvimento» observa o padre Teilhard, «parece-me poder pôr a importância rapidamente crescente que assumiu na minha vida espiritual o sentido da *vontade de Deus*.», *Le Coeur de la Matière*, inédito.

Foi necessária esta longa e heróica caminhada através da Noite Mística, acompanhada por um desenvolvimento excepcional da Fé, da Esperança e da caridade teologais para que a Matéria se tornasse «diáfana» ao olhar do padre Teilhard e lhe revelasse, em si, com a santificação última decorrente da Incarnação e da Eucaristia, a presença irradiante de Cristo.

Para compreendermos com exactidão o *Hino à Matéria*, devemos portanto situá-lo no desfecho dos caminhos purificadores, frente ao cimo onde resplandece a Jerusalém celeste.

Daqui decorre que o cristão não iniciado cometeria um perigoso erro se julgasse poder seguir o padre Teilhard sem se envolver previamente, como ele, nos caminhos da ascese tradicional. (TV. D. E.).